

ENSINO APRENDIZAGEM SOBRE USO E MANUSEIO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL ENTRE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM

Autores:

Milca Severino Pereira (relatora); Aglaid Valdejanc Queiroz Neves; Adenícia Custódia Silva e Souza; Nilo Manoel Pereira Vieira Barreto; Kamilla Suliene Neres Barbosa; Roseane Fernandes Azevedo, Vanessa da Silva Carvalho Vila; Dulcelene Sousa Melo; Elisângela Rodrigues Boeira

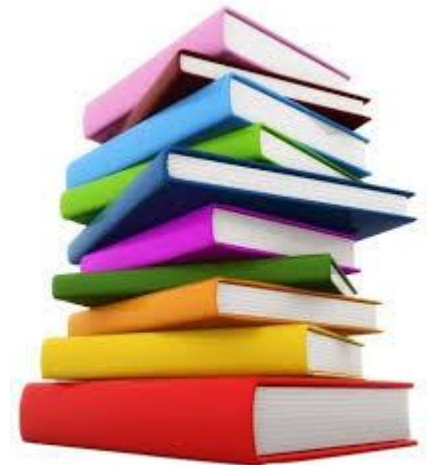
INTRODUÇÃO



- Profissionais de saúde e acadêmicos estão susceptíveis ao risco de exposição com material biológico;
- AS PP são medidas que devem ser utilizadas para todo e qualquer paciente independente de sua patologia (HM, uso de EPI e descarte de perfuro- cortante (BRASIL, 2002);
- Entretanto, na prática a adesão a estas medidas não acontecem de forma criteriosa (CAMPOS; VILAR; VILAR; 2011);

INTRODUÇÃO

- Os acadêmicos de enfermagem tem construído conhecimento sobre prevenção e controle de infecção, consistente durante a graduação que os levem a aderir às medidas de prevenção na sua prática de trabalho?



OBJETIVOS

GERAL:

Analisar a construção do conhecimento sobre o uso e manuseio de EPI entre os graduandos de Enfermagem



MÉTODO

- Estudo descritivo transversal;
- Realizado com discentes matriculados no último ano dos cursos de graduação em enfermagem da cidade de Goiânia;
- Questionário aplicado aos discentes;
- Os dados foram inseridos em um banco de dados, apresentados em tabelas e analisados por meio de estatística descritiva;
- Aspectos éticos - Participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- Participaram do estudo 125 acadêmicos de enfermagem de três Instituições de Ensino Superior de Goiânia.
- A maioria do sexo feminino (88%) e Jovens entre 20-25 anos
- A temática foi mais abordada nas disciplinas:
Controle de Infecção Hospitalar (83,2%)
Processos Intensivos/UTI e Centro Cirúrgico (40,8%)
- A temática foi menos abordada nas disciplinas;
Trauma e Emergência (5,6%) - *Alta prevalência de acidentes e baixa adesão aos EPI entre profissionais do atendimento pré-hospitalar (TIPPLE et al, 2013).*

Saúde Coletiva (0,8) - *Adesão insuficiente à HM e uso de EPI entre profissionais da Atenção Básica (REZENDE et al., 2012)*

Tabela 1. A construção do conhecimento dos graduandos de enfermagem do último ano das Instituições A (N=44), B (N=29) e C (N=52) sobre o uso e manuseio de EPI. Goiânia, 2014

Uso e manuseio dos EPI	Instituição A		Instituição B		Instituição C		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
EPI compõe as medidas de PP	42	95,4	28	96,5	51	98,0	121	96,8
O sapato fechado é obrigatório no ambiente laboral	41	93,2	26	89,6	50	96,1	117	93,6
A higiene das mãos precede o uso de luvas	40	90,1	25	86,2	48	92,3	113	90,4
Óculos para correção visual não substituem os óculos protetores	39	88,6	26	89,6	44	84,6	109	87,2
O uso dos EPI deve ser restrito ao local de trabalho	41	93,2	22	75,9	41	78,8	104	83,2
As máscaras descartadas após cada uso	28	63,6	26	89,7	40	76,9	94	75,2
As luvas trocadas no mesmo paciente ao mudar de sitio	35	79,5	18	62,0	36	69,2	89	71,2
Uso de máscaras e óculos protetores quando há risco de espirrar sangue ou fluidos corporais	19	43,2	14	48,2	29	55,7	62	49,6
Óculos protetores devem ser lavados para reuso	14	31,8	10	34,5	25	48,0	49	39,2

NR-32 (BRASIL, 2005); SIEGEL, et al, 2007 ; RDC - 36 (BRASIL, 2013)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 2. A construção do conhecimento dos graduandos de enfermagem do último ano das Instituições A (N=44), B (N=29) e C (N=52) sobre a ordem correta de por e retirar os equipamentos de proteção individual. Goiânia, 2014

Ordem correta	Instituição A		Instituição B		Instituição C		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Colocação do EPI	13	29,5	11	37,9	17	32,6	41	32,8
Retirada do EPI	07	37,9	1	3,5	1	1,9	09	7,2

A ordem de colocar e retirar os EPI é essencial para minimizar o risco de exposição a material biológico, e a disseminação de micro-organismos patogênicos no ambiente laboral (SIEGEL *et al*, 2007).

Tabela 5. Relato dos graduandos do curso de Enfermagem do último ano das Instituições A (N=44), B (N=29) e C (N=52) sobre os conteúdos abordados no ensino teórico e a atuação do professor no ensino do uso e manuseio de EPI durante as atividades práticas e de estágio. Goiânia, 2014

Ensino sobre Uso e manuseio de EPI	Instituição A		Instituição B		Instituição C		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Conteúdos abordados								
Ensino teórico								
Finalidade do uso EPI	43	97,7	18	62,0	49	94,2	110	88,0
Indicação EPI	31	70,4	20	69,0	50	96,1	101	80,8
Legislação sobre EPI	21	47,7	16	55,2	35	67,3	72	57,6
Técnica indicada	27	61,4	21	72,4	44	35,2	92	73,6
Estrutura física necessária para uso de EPI	15	34,0	11	37,9	29	55,8	55	44,0
Ensino na prática:								
O professor exigiu o uso de EPI ao assistir o paciente	27	61,4	23	79,3	50	96,1	100	80,0
O professor supervisionou o uso de EPI	20	45,4	14	48,2	39	75,0	73	56,0
O professor avaliou o uso de EPI durante as atividades práticas e de estágio	20	45,4	19	65,5	29	55,7	68	54,4

Dicotomia entre teoria e prática (SOUZA, et al., 2008)

CONCLUSÃO

- Não houve diferenças na construção do conhecimento sobre uso e manuseio de EPI entre acadêmicos das três instituições.
- Os dados revelam que esse conhecimento ainda é frágil especialmente relacionado ao uso e manuseio de máscara e óculos protetores e na ordem correta de colocar e retirar os EPI.
- As oportunidades de aprendizagem ocorrem muito mais no ensino teórico e em disciplinas isoladas.
- Na prática as medidas de prevenção e controle tem sido pouco enfatizadas

CONCLUSÃO

- Consideramos que o ensino-aprendizagem sobre medidas de prevenção e controle de IH deve proporcionar aos novos profissionais a responsabilidade social, quanto à sua segurança e do paciente pela aplicação correta das precauções padrão, que vão desde a preservação do meio ambiente à melhora da qualidade de vida e sua proteção.



REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria GM n.º 485, de 11 de novembro de 2005- NR-32- Segurança e saúde no trabalho em serviços de saúde. [acesso em: 11 jun 2013]. Disponível em: [http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D36A280000138812EAFCE19E1/NR32%20\(atualizada%02011\).pdf](http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D36A280000138812EAFCE19E1/NR32%20(atualizada%02011).pdf)
- BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução - RDC Nº 36, de 25 de julho de 2013. Institui ações para a segurança do paciente em serviços de saúde e dá outras providências. DOU de 26/07/2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2013/rdc0036_25_07_2013.html> Acesso em: 30 ago. 2014.
- CAMPOS, S. F; VILAR, M. A; VILAR, D. A. Biossegurança: conhecimento e adesão às medidas de precauções-padrão num hospital. **Rev. Bras. de Ciências da Saúde**. V. 15. n. 4, p. 415-420. 2011.
- MARTINS, M. R; FRANCO, L. A; ZEITOUNE, R. C. G. Riscos ocupacionais e medidas de segurança no contexto de prática de estudantes de graduação em enfermagem: uma questão de saúde do trabalhador. **Rev. pesq.: cuid. fundam. Online**. (Ed. Supl.): p. 61-64. Jan/mar. 2012. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1721/pdf_557>. Acesso em: 28 de ago de 2014.
- SIEGEL, J.D.; RHINEHART, E.; JACKSON, M.; CHIARELLO, L. Health care infection control practices advisory committee. Guideline for isolation precautions: preventing transmission of infectious agents in health care settings. **Am J Infect Control**. v.35, n.10 (suplemento), 2007.
- SOUZA, A. C. S. et al., Conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre equipamentos de proteção individual: a contribuição das instituições formadoras. **Rev. Eletr. Enf. [Internet]**. Vol. 10, nº 2. p.428-37. 2008. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v10/n2/v10n2a14.htm. Acesso em 01 de Setembro de 2014.
- REZENDE, K.C.A.D.; TIPPLE, A.F.V.; SIQUEIRA, K.M.; ALVES, S.B. SALGADO, T.A.; PEREIRA, M.S. Adesão à higienização das mãos e ao uso de equipamentos de proteção pessoal por profissionais de enfermagem na atenção básica em saúde. **Cienc Cuid Saude**. v.11, n.2, p.343-51, 2012.
- TIPPLE, A.F.V.; SILVA, E.A.C.; TELES, S.A.; MENDONÇA, K.M.; SOUZA, A.C.S.; MELO, D.S. Acidente com material biológico no atendimento pré-hospitalar móvel: realidade para trabalhadores da saúde e não saúde. **Rev Bras Enferm**. v. 66, n.3, p.378-84. Brasília, 2013.

Obrigada !



Apoio:

